



LUIZA MORAES/COB

SKATE



Pé na tábua!

Família, método Kobe Bryant, saúde mental e música gospel no fone de ouvido: skatista brasiliense Felipe Gustavo revela ao **Correio** os trunfos em busca da medalha inédita

VICTOR PARRINI
ENVIADO ESPECIAL

Paris — Uma banca mantida há 30 anos na Feira do Guará financiou o sonho de Felipe Gustavo. Se a chuva em Paris permitiu, o representante do DF no Skate Street nos Jogos Olímpicos entrará na competição, hoje, no cenário urbano da Arena La Concorde à casa da inédita medalha. Ontem, enquanto ele treinava na França, seu Paulo e dona Liliane Macedo mandavam mensagens do coração ao filho em entrevista ao **Correio** (acesse o vídeo no QR Code) e contavam como a comercialização de bijuterias impulsionou a carreira do atleta de 33 anos, que mora em Los Angeles, palco da Olimpíada de 2028. Em entrevista exclusiva ao **Correio**, Felipe Gustavo fala sobre a expectativa para a competição e revela duas estratégias para manobrar com excelência: método Kobe Bryant e música gospel no ouvido.

» Origem

A minha história é uma das mais diferenciadas do skate. Comecei em Brasília, onde não tinha nada, pistas, não tinha campeonato. Fui mesmo o pioneiro de Brasília em muitas coisas. Até hoje, não temos pistas de skate. Acho que em toda as entrevistas pedi ao governo. Não era considerado esporte, era marginalizado. Eu era visto como um marginal, pessoa que usava droga. Comecei a andar de skate em 1998. Não tinha muita visibilidade. Mudei para os EUA aos 15 anos. Acho que toda história de atleta tem de ser meio “raçuda” e servir de inspiração.

» Setor Bancário

Toda vez que vou a Brasília ando no Setor Bancário, onde tudo começou. Andar de skate em Brasília me traz essa sensação de quando era pequeno. É onde me sinto livre e gosto de estar. É a minha raiz, e isso me renova.

» Incentivo

Não mudou muito. Até hoje não temos pista de skate. Lutei muito com o governo. Na última vez, fui até o ministro do Esporte, mostrei meus vídeos e disse que

“Até hoje não temos pista de skate (no DF). Lutei muito com o governo. Mostrei meus vídeos e disse que tem 19 anos que peço uma pista. Até hoje não saiu. Tive que sair de Brasília”

Felipe Gustavo, skatista

tem 19 anos que peço uma pista. Até hoje não saiu do papel. Todo mundo que é do skate de Brasília gosta muito, é raçudo, pois não há estrutura. Tive de sair do país para estar onde estou.

» Profissão

Faz muitos anos que vivo só do skate. Quando me mudei, aos 15 anos, decidi que isso seria a minha carreira, e lutei muito. Viajo para vários campeonatos, tenho mais de 13 patrocinadores no mundo inteiro. É o meu trabalho, mas é o que amo fazer. Toda vez que ando de skate, me sinto livre como quando era criança.

» Vida em Los Angeles

É uma realidade muito diferente. Quando vejo de onde vi e onde estou, tenho muita gratidão a Deus, pois são coisas que nunca imaginei, como sair do Guará I e correr a Olimpíada na Praça da Concórdia, em Paris como um dos 20 melhores do mundo.

» Físico e técnica

Sempre estudo como ser um atleta melhor. Acho que a parte nutricional e do corpo físico me deixa muito fascinado, pois é igual ao skate: nunca acaba. Sempre consigo fazer um exercício melhor para o meu corpo ficar melhor para andar de skate. A fisioterapia e a parte do corpo físico é o que me deixa fascinado. O skate é infinito para mim, não existe manobras que você não consiga fazer se treinar.

» Ciclo curto

Não tivemos quatro anos para

Marcos Paulo Lima/CB/DA Press



Os pais Liliane e Paulo Macedo: mensagens de apoio a Felipe Gustavo

nos preparar. Conquistar a vaga me levou a treinar mais e a ficar mais focado.

» Saúde mental

É uma parte muito forte do treinamento. Não é só manobra, ou ser bom naquilo. Se você não tiver a mente boa, o espiritual em dia, isso afetar muito na performance. Tento pegar todos os pontos: skate, mentalidade, espiritual. A ansiedade tento controlar com o treino, colocando-me em posições que precisarei estar, mas sabendo que fiz isso antes. Isso é até um método do Kobe Bryant. Quanto mais pressão, mais preparado é preciso estar.

» Gospel

Sempre escuto música gospel, cristã, desde pequeno. Nunca corri nenhum campeonato sem música gospel nos meus ouvidos, pois acalma minha alma, me traz paz e esperança. É sempre bom ter isso no seu corpo. Não tenho como andar escutando rap, funk, pois me leva a outro lugar. Nem escuto esse tipo de música. Escuto bastante Elevation Worship, Bethel. Cresci em família cristã, e isso sempre faz parte da minha vida.

» Arte

O skate é lifestyle para nós, uma maneira de nos expressar. Se eu errar uma manobra, lógico que fico triste, mas faço o que amo. Sempre levo a gratidão.

» Paris-2024

Com certeza, mais experiência, por ter corrido vários eventos

nesses três anos. Quando saí de Tóquio, pensei na outra Olimpíada. Tivemos muitas restrições lá, não poder conversar nem treinar juntos. É uma coisa que fazemos muito, treinar juntos. A coisa mais legal que tem é acertar uma manobra atrás do seu amigo, o back to back. É o único esporte olímpico em que treinamos juntos. Não tem essa de guardar (carta) na manga. O skate é diversão. Não tivemos isso em Tóquio, teremos agora, e com público. Isso gerará uma tensão a mais e motivação para representar.

» Futuro

O skate é muito relativo. Tenho um amigo de 38 anos que está no auge da carreira. Antes, era mais difícil chegar aos 35 anos e estar relevante. Hoje em dia, os 30 são os novos 20. Acho que ainda nem cheguei no auge da minha carreira. Com certeza, se tiver a oportunidade, estarei em Los Angeles-2028. O futuro a Deus pertence.

» Resiliência

Você tem que acreditar. Tenho uma entrevista que dei, quando tinha uns 10, 12 anos, dizendo que um dia eu moraria nos Estados Unidos viveria do skate. Essa era a minha meta, o meu sonho. Deixei tudo para segui-la e acreditei. Deus está trabalhando em algo muito maior. Continuo seguindo na fé e fazendo o que amo.

» Pódio

A meta é a medalha. Fiz história sendo o primeiro skatista (a

Time Brasil em ação

Badminton 9h50 Juliana Viana
Basquete 12h15 - França x Brasil
Canoagem 10h - Pepê Gonçalves 10h50 - Ana Sátila 12h10 - Pepê Gonçalves 13h - Ana Sátila
Esgima 7h05 - Nathalie Moelhausen
Ginástica Artística 6h - Diogo Soares
Natação 6h12 - Maria Fernanda Costa 6h45 - Guilherme Costa 7h15 - 4 x 100m livre 7h26 - 4 x 100m livre
Skate 7h - Giovanni Vianna e Felipe Gustavo
Surfe 15h10 - Filipe Toledo 15h45 - Gabriel Medina 16h20 - João Chianca 20h33 - Tatianna Weston-Webb 21h43 - Luana Silva
Tiro esportivo 5h30 - Philippe Chateaubrian
Tênis 9h - Bia Haddad Maia 9h - Laura Pigossi 13h - Bia Haddad e Luisa Stefani
Tênis de mesa 12h15 - Bruna Takahashi e Vitor Ishiy
Vôlei masculino 8h - Itália x Brasil
Vôlei de Praia 14h - André/George

COBERTURA ESPECIAL
correio braziliense.com.br/olimpiadas-paris

ONDE ASSISTIR
Globo, SporTV e Cazé TV



Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja o vídeo com os pais de Felipe Gustavo na banca na Feira do Guará

competir) em Olimpíada. Quero muito que Deus me permita continuar fazendo história ao trazer uma medalha para Brasília, para o Brasil e para a minha família.

» Massificação

Isso tem mudado bastante. Vejo vários amigos meus profissionais de skate no Brasil dando aula e sendo mentores. Eu nunca tive isso. A nossa geração foi raçuda, não tinha YouTube ensinando como aprender uma manobra. Hoje, há muita informação. O que a pessoa aprende em cinco anos, demorávamos 10, 15 para aprender. O skate está em um crescimento muito grande. O fácil acesso a produtos tem ajudado bastante. Se der para fazer escolinha, botar mais gente para assistir e aprender sobre, por favor...

» Guará

Eu jogava futebol no Cave, na escolinha. Conheci o skate e fui de skate para o Cave jogar. Ganhamos um campeonato lá, dei a medalha para o meu pai e falei que não queria mais futebol. Minha mãe (dona Liliane) tem uma banca na Feira do Guará há mais de 30 anos. Tem uma loja de bijuteria artesanal. Eu andava de skate na Feira do Guará com amigo, pulávamos caixotes de fruta. Minha mãe faz feira de quinta a domingo. Exporta para o mundo inteiro. Tenho um skate de ouro que meu pai me deu. Toda vez corro campeonato com ele. É bem único. O Guará tem toda uma história para mim.

BASQUETE



A primeira vez de Gui Santos

ARTHUR RIBEIRO

Seis décadas depois da última medalha brasileira no basquete masculino, o bronze em 1964, o Brasil inicia hoje a caminhada para recolocar o país no pódio da bola laranja. Ela sobe para o time verde-amarelo às 12h15 pela primeira rodada da fase de grupos dos Jogos de Paris-2024, mas a partida ocorre alguns quilômetros de distância da capital francesa, no Stade Pierre-Mauroy, em Lille. Mesmo assim, o adversário vai se sentir em casa: a França.

De volta ao palco olímpico após ficar de fora em Tóquio-2020, o Brasil fez papel de visitante indigesto há pouco tempo, justamente para conquistar a vaga em Paris. No Pré-Olímpico de Riga, na Letônia, enfrentou os próprios letões para decidir quem iria aos Jogos em solo francês. Na melhor atuação, venceu por 94 x 69. O desempenho serve como combustível para repetir a dose, desta vez contra os gigantes franceses — prata na disputa no Japão.

“É uma equipe muito boa, tem qualidade em várias posições, jogadores de muito talento. Vamos jogar duro para ganhar, dentro de quadra o favoritismo fica de lado. Eles são da casa, vão ter a torcida a favor, mas vamos ter que mostrar para eles por que estamos ali, no mesmo lugar e jogando pelo mesmo objetivo. Eles têm dois braços, duas pernas, um nariz, assim como nós, então ganha quem errar menos e tiver mais vontade”, avalia o **Correio** o ala brasiliense Gui Santos.

O principal nome no plantel adversário tem apenas 20 anos, mas 2,24m de altura e a pompa de ser um dos grandes futuros talentos do basquete. Liderados por Victor Wembanyama, eleito melhor calouro da NBA na última temporada, a França também conta com Rudy Gobert, Nicolas Batum e Evan Fournier.

Enquanto isso, Gui é o único brasileiro com contrato na NBA, mas confia no nível dos companheiros, principalmente com a recuperação de Raulzinho e Yago. Ambos sofreram com problemas físicos no Pré-Olímpico. “Temos muita qualidade, formamos um bom time e estamos em um momento positivo. Precisamos de todos saudáveis, mas conseguimos recuperar quem precisava, e o Brasil está pronto para fazer o melhor possível. Podemos brigar por coisas grandes.”

Além do desafio em quadra, os comandados pelo técnico croata Aleksandar Petrovic ainda terão que enfrentar o aspecto histórico. A melhor campanha foi na Cidade do México-1968.

“Podemos surpreender. O que posso garantir é entrega ao máximo para levar o Brasil ao patamar mais alto”, planeja o ala. Depois dos franceses, o Brasil terá pela frente, na terça-feira, a Alemanha, atual campeã do mundo, e o Japão, na sexta. São três grupos ao todo e os dois primeiros colocados de cada chave avançam às quartas, além dos dois melhores terceiros.

Wander Roberto/COB



O ala brasiliense de 22 anos é estreante nos Jogos Olímpicos